

## ■ O trabalho da abstração: sete teses sobre marxismo e aceleracionismo<sup>34</sup>

.....Matteo Pasquinelli

### **Tese 1. O capitalismo é um objeto de alta abstração; o comum é uma força de abstração maior.**

A noção marxiana de trabalho abstrato identificou o mecanismo profundo do capitalismo, isto é, a transformação do trabalho em equivalente geral. Mais adiante, Sohn-Rethel (1978) enxergou a relação estreita entre a abstração da linguagem, a abstração do mercadoria e a abstração do dinheiro. Na introdução dos *Grundrisse*, Marx (1867) explica a abstração como a metodologia que aparecerá 10 anos mais tarde no *Capital* (1867). Em Marx, o concreto é um resultado, o produto do processo de abstração: a realidade capitalista e, especificamente, a realidade revolucionária, é uma invenção: “O concreto é concreto porque concentra muitas determinações, daí a unidade do diverso. Ele aparece no processo do pensamento, portanto, como um processo de concentração, como um resultado, não como ponto de partida, mesmo que seja o ponto de partida na realidade e, portanto, também o ponto de partida da observação e concepção” (MARX, 1857: 101).

A abstração é ao mesmo tempo a tendência do capital e o método do marxismo. Então o marxismo autonomista tomou posse da abstração e “bordou-a de novo no macacão do operário”: a abstração como o movimento do capital, mas também como o movimento de resistência a ele. Negri (1979: 66) particularmente colocou a abstração no centro do método da tendência antagonista, como um processo de conhecimento coletivo: “o processo de determinação abstrata está dado inteiramente nessa iluminação proletária coletiva: é portanto um elemento de crítica e uma forma de luta”. A ideia do comum nasceu como um projeto epistêmico.

### **Tese 2. O capitalismo evoluiu em direção a abstrações monetárias e tecnológicas (técnicas de financeirização e de governança por meio de algoritmos).**

O capitalismo contemporâneo evoluiu segundo dois principais vetores de abstração: abstração monetária (financeirização) e abstração tecnológica (os

---

34 Tradução: Aukai Leisner.

algoritmos da sociedade da metainformação). Colocando em termos do diagrama da composição orgânica do capital (MARX, 1867: 762), isso significa: a composição tecnológica evoluiu em direção à abstração algorítmica das redes (governança da informação), enquanto a composição de valor evoluiu em direção à abstração monetária dos títulos derivativos e créditos futuros (governança da dívida). “As finanças, como o dinheiro em geral, expressam o valor do trabalho e do valor produzido pelo trabalho, mas por meio de formas altamente abstratas. A especificidade das finanças, em alguns aspectos, é que ela visa a representar o valor futuro do trabalho e sua produtividade futura.” (HARDT In: MATARAZZI, 2008: 9). O comércio algorítmico ou *algonegócio* [algotrading] é um bom exemplo da evolução conjunta dessas duas linhagens maquínicas e uma boa medida do estado de desespero dos capitais de investimento.

De outro ponto de vista, baseando-se nas novas formas de trabalho cibernético, Alquati (1963) tentou combinar essa evolução paralela na noção de informação valorizante (misturando as noções de informação cibernética e de valor, da teoria marxina). Alquati descreveu uma fábrica cibernética que, como as redes digitais hoje em dia, era capaz de absorver o conhecimento humano e torná-lo inteligência maquínica e valor maquínico (alimentando dessa maneira o capital fixo). O capitalismo passou a mostrar então o perfil de uma inteligência global autônoma: “A cibernética recompõe globalmente e organicamente as funções do trabalhador genérico, que são pulverizadas em micro-decisões individuais: o Bit conecta o trabalhador atomizado às figuras do Plano econômico”. (ALQUATI, 1963 : 134). Na fábrica de Alquati, já temos o embrião de uma máquina abstrata, uma concreção do capital que não é mais feita de aço.

### **Tese 3. A abstrações é a forma de ambos o capitalismo cognitivo e o biopoder.**

A noção de normatividade biopolítica foi introduzida por Foucault em seu curso de 1975, *Os anormais*. Através da modernidade, Foucault enxergou uma forma de poder que não era exercida por meio de técnicas de repressão da sexualidade, mas por meio de produção positiva de conhecimento sobre a sexualidade. Foucault (1975 : 50) distinguiu desta maneira os domínios da Lei e da Norma: “A função da Norma não é excluir e rejeitar. Ao contrário, está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e transformação, a uma espécie de projeto normativo. O que o século XIX estabeleceu através da disciplina de normalização... não parece ser um poder ligado à ignorância, mas um poder que funciona somente graças à formação de um conhecimento”.

O fato curioso é que a noção foucaultiana de poder normativo foi inspirada por seu mentor Canguilhem (1966), que emprestou essa idéia do neurologista Kurt Goldstein (1934), aplicando-a às ciências sociais. Em Goldstein, o poder normativo é a habilidade do cérebro para produzir novas normas a fim de se adaptar ao meio ou responder a traumas. De maneira similar à Gestaltheorie, Goldstein acreditava que o poder normativo do organismo era baseado no poder da abstração.

Foucault (1945) iniciou seu primeiro livro com uma crítica de Goldstein, transformando mais tarde o poder de abstração numa apropriada epistemologia do poder. A biopolítica nasceu como noopolítica – e o problema essencial que acossa a política da vida é ainda a política da abstração. Ambos os paradigmas do biopoder e o do capitalismo cognitivo devem ser descritos como a exploração e alienação exercidas pelo poder de abstração.

#### **Tese 4. A abstração é a espinha dorsal da percepção do Mundo (e do Eu).**

A abstração é a forma da sensação, e portanto do corpo e mundo percebidos. Já há mais de um século, a Teoria da Gestalt mostrou que a percepção visual de uma figura é baseada na capacidade holística do cérebro de generalizar pontos e linhas abstratas, isto é, num poder coletivo do organismo. “A percepção e a consciência perceptual dependem de capacidades para ação e o pensamento; a percepção é um tipo de atividade que demanda pensamento”, lembra a mais recente escola do performativismo (NOE, 2004: vii).

A percepção é sempre uma construção hipotética (ou abdução, como diria Pierce). Da filosofia budista a Spinoza à neurociência contemporânea (MATURANA; VARELA 1980), a mente emerge como enxame – uma cooperação coletiva e uma abstração de singularidades (átomos, células, neurônios etc) produzindo o efeito túnel do corpo e do Eu (METZINGER, 2009). A neuroplasticidade é a capacidade da mente de se reorganizar depois de um prejuízo, mas é também sua estrita disfuncionalidade e abertura para o caos. Se o enxame atômico se recompõe de maneira diferente, novas formas de Gestalt surgem, como por exemplo alucinações, sonhos, imaginação e invenção. A abstração deve ser considerada como um poder coletivo da mente, abstrato e lógico, que precede também a linguagem, a matemática e a ciência em geral: é o poder de perceber em detalhe e reconhecer uma emoção, de projetar o Eu além de seus limites culturais, de mudar os hábitos para se recuperar de um trauma, ou de inventar uma nova norma para se adaptar ao ambiente (GOLDSTEIN, 1984). É também, é claro, o poder de manipular ferramentas, máquinas e informações. A abstração deita raízes profundas no tempo e na vida. Também Deleuze e Guattari (1980:

496) lembram que o gesto artístico primário dos humanos foi uma linha abstrata: a arte primitiva começa com o abstrato (WORRINGER, 1908).

### **Tese 5. Eros é a cruel abstração do Eu.**

Não há oposição entre vida e saber como lembra vigorosamente Canguilhem (1965: xvii): “Nós aceitamos muito facilmente que há um conflito fundamental entre vida e saber, de tal ordem que sua recíproca aversão só pode conduzir à destruição da vida pelo conhecimento e ao rebaixamento do conhecimento pela vida. [...] Não se trata de um conflito entre o pensamento e a vida, no homem, mas de um conflito entre o homem e o mundo.”

Como lembra Tronti (1966: 14), o conflito é um mecanismo epistêmico: “O conhecimento está vinculado à luta. Quem odeia verdadeiramente, verdadeiramente sabe”. No entanto, a separação milenar entre corpo e alma, e particularmente entre Eros e abstração, ronda as interpretações do capitalismo cognitivo. Muitos filósofos radicais lamentam a des-erotização do corpo pelo trabalho digital, o hiperfluxo de informações e a atmosfera midiática hipersexualizada (Agamben, Berardi, Stiegler etc) e, como resposta política, eles parecem sugerir a “insurreição erótica” da vida nua.

No entanto, se o biopoder é uma máquina abstrata, a resistência não está em demandar mais corpo, mais afeto, mais libido, etc, mas em recobrar o poder alienado da abstração, isto é, a habilidade de diferenciar, bifurcar, e perceber as coisas em detalhes, inclusive nossos próprios sentimentos (FOUCAULT, 1976: 159 sobre a ironia do dispositivo da sexualidade que incita à continua “liberação sexual”). Contra a recepção usual da filosofia do desejo, Negarestani (2009) notou que Deleuze abre seu livro *Diferença e Repetição* (1968) postulando uma conexão fundamental entre diferença e crueldade. A abstração não deve ser entendida como um impulso contra a “vida”, mas como um gesto violento de todo ser contra seu próprio *Grund* (identidade, gênero, classe, espécie, etc).

Em Spinoza, com efeito, a alegria e o amor marcam a passagem a uma perfeição mais elevada. “A anatomia humana contém a chave para a anatomia do macaco” – sugere Marx (1857: 105) numa afirmação aparentemente antropocêntrica. Ao contrário, essas palavras insinuam anastroficamente o passo em direção a um estágio pós-humano: “A anatomia do alien contém a chave para a anatomia do humano”.

### **Tese 6. O poder de acumular, o poder de restringir, o poder de acelerar.**

A política é tática e estratégia de temporalidade (isto é, de invenção do tempo). A esse respeito, Marx foi acusado de dois erros opostos: messianismo do

kairós (“Marx secularizou o tempo messiânico na concepção da sociedade sem classes”, Benjamin, 1940) e quantificação do kronos, ou a medida da mais-valor em tempo de relógio (Marx ainda pertence à tradição aristotélica da mensurabilidade do ser, notam Hardt e Negri 2000: 354).

Entre eles, há a tentativa mais elegante já feita para compactar a totalidade da engrenagem capitalista industrial em uma pequena fórmula, qual seja, a equação da tendência do declínio da taxa de lucro (MARX, 1894: 317), que vai se tornar o primeiro diagrama do aceleracionismo. “Qual é o caminho revolucionário?... Retirar-se do mercado capitalista?... Ou ir na direção oposta? Ir ainda mais longe, quer dizer, aprofundar o movimento do mercado, de decodificação e desterritorialização?... Não retirar-se do processo, mas ir em frente, acelerar o processo, como queria Nietzsche” (DELEUZE; GUATTARI 1972: 239).

O operaísmo tem repetidas vezes criticado a formulação marxiana da composição orgânica do capital, por estar restrita ao perímetro da fábrica industrial e não aberta à totalidade da metrópole. Depois de romper a prisão da composição orgânica do capital, no entanto, a teoria italiana (Agamben, Esposito, Virno) construiu outra sob o nome de katechon, ou “a força que contém o mal”, que tem sido considerada o modelo ambivalente para as instituições da multidão (VIRNO, 2008: 62). Contra o dilema claustrofóbico do katechon, a hipótese aceleracionista tenta respirar o ar do grande Fora.

### **Tese 7. Do “general intellect” à inteligência alienígena, ou o tema da abstração.**

A ontologia do antagonismo do marxismo autonomista frequentemente sustenta uma posição humanista no interior de uma tradição antropocêntrica (por exemplo Berardi, 2011): com efeito, o capitalismo é uma força inumana, uma força que busca explorar e superar o humano. No entanto, qualquer projeto de autonomia deveria ser postulado como o devir-pós-humano da própria classe trabalhadora: uma vez que não há uma classe original de que se deva sentir nostalgia. “O Capital devidamente considerado é uma vasta força inumana, uma forma de vida genuinamente inumana (dado que é inteiramente não-orgânico) da qual todos nós pouco sabemos. Uma nova investigação dessa forma deve proceder exatamente como uma cartografia anti-antropomórfica, um estudo sobre finanças alienígenas, uma Xenoeconomia” (WILLIAMS, 2008).

O marxismo especulativo pode ser definido como a passagem do paradigma do capitalismo cognitivo para um paradigma que descreve o capitalismo como uma inteligência alienígena: “a história do capitalismo é a de uma invasão

de um espaço de inteligência alienígena vindo do futuro, que deve ser montado inteiramente a partir dos recursos do inimigo” (LAND, 1993). Aqui, nenhum fatalismo ou dualismo à vista: a autonomia política do General Intellect (VIRNO, 1990) tem que se transformar também em inteligência alienígena. A subjetividade da abstração tem que estabelecer novas alianças com forças não-humanas e máqunicas. Especificamente, a equação marxiana da queda da taxa de lucro tem que encontrar seu gêmeo epistêmico. Nesse sentido, o aceleracionismo marxista (SRNICEK; WILLIAMS, 2013) parece não ser somente uma mera aceleração catastrófica do capital (como em Virilo, Baudrillard e Land), mas uma aceleração epistêmica e uma reapropriação do capital fixo como tecnologia e conhecimento (uma espécie de singularidade epistêmica).

A inteligência coletiva tem que se organizar em uma inteligência hostil – também no sentido de inocular o hospedeiro<sup>35</sup> como um parasita maligno. Uma inteligência alienígena não está preocupada com qualquer ortodoxia, mas prolifera e organiza suas próprias heresias.

■····· **Matteo Pasquinelli** é pesquisador, escritor e doutor pela Universidade Queen Mary de Londres, com uma tese sobre as novas formas de conflito no capitalismo cognitivo, com pesquisa em filosofia no campo do pós-estruturalismo francês e operáismo italiano. Escreveu, em 2008, *Animal spirits: a bestiary of the commons* (sem edição traduzida ao português).

*Tradutor:*

■····· **Aukai Leisner** é estudante de Graduação em Direito na UFPR e colabora com traduções para a Uninômde.

---

35 A palavra “*host*”, em inglês, além de radical da palavra “*hostile*” (hostil, em português), também tem o sentido de “hospedeiro”, nome dado, na biologia, a animais ou plantas que parasitam outros animais ou plantas como estratégia de sobrevivência (N. do T.).

## Referências:

### *Tese 1*

ILYENKOV, Evald Vassilievich (1960). *The Dialectics of the Abstract and the Concrete in Marx's Capital*. Moscow: Progress Publishers, 1982.

MARX, Karl (1857). *Einleitung* (Manuscript M). Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie. Moscow: Verlag für fremdsprachige Literatur, 1939. Edição brasileira: “Introdução” (Manuscrito M). In *Grundrisse*. Boitempo, 2011.

NEGRI, Antonio (1979). *Marx oltre Marx: Quaderno di lavoro sui Grundrisse*. Milano: Feltrinelli. Translation: *Marx beyond Marx: Lessons on the Grundrisse*. New York: Autonomedia, 1991.

SOHN-RETHEL, Alfred (1978). *Intellectual and Manual Labour: A Critique of Epistemology*. London: Macmillan.

### *Tese 2*

ALQUATI, Romano (1963) “Composizione organica del capitale e forza-lavoro alla Olivetti”, part 2. *Quaderni Rossi*, n. 3, 1963.

MARAZZI, Christian (2002). *Capitale e linguaggio*, Dalla New Economy all’economia di guerra. Roma: Derive Approdi. Translation: *Capital and Language: From the New Economy to the War Economy*. Introduction by Michael Hardt. Los Angeles: Semiotexte, 2008.

MARX, Karl (1867) *Das Kapital*. Kritik der politischen Ökonomie, vol. 1. Hamburg: Verla von Otto Meissner. Translation: *Capital: A Critique of Political Economy*, vol. 1. London: Penguin, 1981.

VIRNO, Paolo (1990). “Citazioni di fronte al pericolo”. *Luogo Comune*, n. 1. Translation: “Notes on the General Intellect”. In: S. Makdisi *et al.* (eds.) *Marxism beyond Marxism*. New York: Routledge, 1996.

### *Tese 3*

CANGUILHEM, Georges (1966). *Le Normal et le Pathologique*. Paris: PUF. Translation: *The Normal and the Pathological*. Introduction by Michel Foucault. Dordrecht: Reidel, 1978 and New York: Zone Books, 1991.

FOUCAULT, Michel (1975). *Les anormaux*. Cours au Collège de France 1974-1975. Paris: Seuil, 1999. Translation: *Abnormal: Lectures at the Collège de France 1974-1975*. New York: Picador, 2004.

FOUCAULT, Michel (1954). *Maladie mentale et personnalité*. Paris: PUF. Translation: *Mental Illness and Psychology*. New York: Harper & Row, 1976.

GOLDSTEIN, Kurt (1934). *Der Aufbau des Organismus*. Den Haag: Nijhoff. Translation: *The Organism*. New York: Zone Books, 1995.

#### *Tese 4*

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1980) *Mille Plateaux*. Paris: Minuit. Translation: *A Thousand Plateaus*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.

MATURANA, Humberto and Varela, Francisco (1980). *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living*. Boston: Reidel.

METZINGER, Thomas (2009). *The Ego Tunnel: The Science of the Mind and the Myth of the Self*. New York: Basic Books.

NOE, Alva (2004). *Action in Perception*. Cambridge, MA: MIT Press.

WORRINGER, Wilhelm (1908). *Abstraktion und Einfühlung*. München: Piper. Translation: *Abstraction and Empathy*. New York: International Universities, 1953.

#### *Tese 5*

CANGUILHEM, Georges (1965). *La Connaissance de la vie*. Paris: Vrin. Translation: *Knowledge of Life*. New York: Fordham University, 2008.

DELEUZE, Gilles (1968). *Différence et Répétition*. Paris: PUF. Translation: *Difference and Repetition*. New York: Columbia UP, 1994.

FOUCAULT, Michel (1976). *La Volonté de savoir*. Paris: Gallimard. Translation: *The Will to Knowledge*. London: Penguin, 1998.

NEGARESTANI, Reza (2009) “Differential Cruelty: A Critique of Ontological Reason in Light of the Philosophy of Cruelty”, *Angelaki*, vol. 14, n. 3, december 2009.

TRONTI, Mario (1966). *Operai e capitale*. Torino: Einaudi.

#### *Tese 6*

AGAMBEN, Giorgio (2000) *Il tempo che resta*. Un commento alla Lettera ai Romani, Torino: Bollati Boringhieri. Translation: *The Time That Remains*. Stanford: Stanford University Press, 2005.

BENJAMIN, Walter (1940). *On the Concept of History*, draft. In: *Selected Writings*, vol. 4. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1972) *L'Anti-Oedipe*. Paris: Minuit. Translation: *Anti-Oedipus*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio (2000). *Empire*. Cambridge, MA: Harvard University Press.



MARX, Karl (1894). *Das Kapital*, vol. 3. Hamburg: Meissner. Translation: Capital, vol. 3. New York: International Publishers, 1967.

VIRNO, Paolo (2008). *Multitude Between Innovation and Negation*. New York: Semiotexte.

### *Tese 7*

BERARDI, Franco (2011). "Time, Acceleration and Violence". *E-flux*, n. 27, September 2011.

LAND, Nick (1993). "Machinic desire". *Textual Practice*, vol. 7, n. 3.

SRNIECK, Nick; WILLIAMS, Alex (2013). "Manifesto for an Accelerationist Politics". In: *Jousha Johnson, Dark Trajectories: Politics of the Outside*. Miami: Name, 2013. Tradução ao português pela UniNômade (Bruno Stehling): <http://uninomade.net/tenda/manifesto-aceleracionista/>

WILLIAMS, Alex (2008). "Xenoeconomics and Capital Unbound," *Splintering Bone Ashes* blog.